

mosaico

apoio pastoral

ISSN 1676-1170



9 771676 117002

40

NESTA EDIÇÃO

Para uma espiritualidade compartilhada
Rui de Souza Josgrilberg
pág. 3

Ana orou...
um exemplo de espiritualidade
Marli de Almeida Tomaz
pág. 6

Uma face
da espiritualidade de Cristo
Levi da Costa Bastos
pág. 8

Por uma espiritualidade relevante no século XXI
Adonias Pereira do Lago
pág. 10

Espiritualidade e a dimensão Inter-religiosa
Elena Alves Silva
pág. 12

Inclusão de pessoas com deficiência: desafios postos ao nosso fazer missionário
Elizabeth Cristina Costa
Renders
pág. 14

Messias: uma esperança fermentadora do Reino de Deus.
Tércio Machado Siqueira
pág. 16

Navegando pelas águas ecumênicas: tempo instável, barco firme
Magali do Nascimento Cunha
pág. 18

Os (verdeiros) símbolos do Natal
Luiz Carlos Ramos
pág. 20



Espiritualidade no caminho

Editorial



A proximidade do Natal leva o Mosaico a também contribuir com as igrejas com um estudo bíblico e com sugestões litúrgicas que podem tornar esta data, cheia de sentido para cristãos e cristãs, ainda mais significativa.

Um tema sempre em pauta

Falar de espiritualidade é falar do elemento que dá sentido à fé e à nossa existência como cristãos e cristãs, afinal, a espiritualidade é o desenvolvimento da fé e da relação com Deus e com o próximo.

Sim, com Deus e com o próximo! Aqui reside um primeiro elemento de reflexão: reduzirmos a compreensão de espiritualidade a uma relação com Deus tão-só e no plano “imaterial”. Aprendendo de Jesus e do seu cultivo da espiritualidade, vemos que não é bem assim que deveríamos entender. *Mosaico Apoio Pastoral* oferece uma contribuição às lideranças pastorais, clérigas e leigas, na reflexão deste tema sempre em pauta. Para isso, conta com textos de metodistas, homens e mulheres, que trazem um olhar sobre o sentido da espiritualidade a partir do lugar onde atuam e

das experiências que coleciam.

Se espiritualidade diz respeito ao relacionamento com o outro, por que não cultivá-la numa perspectiva da inclusão? Um artigo preparado por quem tem se dedicado a refletir e trabalhar concretamente pela inclusão social de pessoas com deficiência indica caminhos que devem desafiar nossa espiritualidade e nosso engajamento na missão.

Mas não é só isso! A proximidade do Natal leva o *Mosaico* a também contribuir com as igrejas com um estudo bíblico e com sugestões litúrgicas que podem tornar esta data, cheia de sentido para cristãos e cristãs, ainda mais significativa.

Que 2008 venha cheio de desafios e momentos felizes para todos/as nós, com a sempre renovadora e sustentadora presença de Deus!

Mosaico Apoio Pastoral

Ano 15, nº 40
Outubro/Dezembro de 2007

Publicação da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista/Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Reitor da Faculdade de Teologia: Rui de Souza Josgrilberg; **Reitor da UMSp:** Márcio de Moraes; **Diretor Administrativo da Faculdade de Teologia:** Otoniel Luciano Ribeiro; **Coordenador da Editeo:** Ronaldo Sathler-Rosa; **Editora do Mosaico:** Magali do Nascimento Cunha; **Coordenador de Produção:** Luiz Carlos Ramos.

Conselho Editorial: Blanches de Paula, Fábio N. Marchiori, José Carlos de Souza, Luiz Carlos Ramos, Magali do Nascimento Cunha, Natália de Souza Campos, Nelson Luiz Campos Leite, Otoniel Luciano Ribeiro, Rui de Souza Josgrilberg, Ronaldo Sathler-Rosa, Stanley da Silva Moraes e Tércio Machado Siqueira

Projeto gráfico: Luiz Carlos Ramos; **Editoração e Arte final:** Glória Pratas; **Capa:** Glória Pratas e Jovani Lage; **Edição e montagem de imagens:** Glória Pratas; **Tiragem deste número:** 2.000 exemplares. **Distribuição gratuita.**

*

*

Mosaico Apoio Pastoral

EDITEO



Caixa Postal 5151, Rudge Ramos, São Bernardo do Campo, CEP 09731-970

fone: (0_11) 4366-5983



editeo@metodista.br

Editorial

Para uma espiritualidade compartilhada

Rui de Souza Josgrilberg

O paradoxo da espiritualidade cristã

John Wesley viveu uma inquietude existencial que se resolveu no horizonte de uma espiritualidade prática que poderia ser chamada de “o caminho bíblico de pensar e de praticar a salvação.” A experiência cristã se abre como horizonte de práticas e compromissos: é uma experiência que não se fecha como um fim em si mesmo; abre-se num horizonte de práxis. Essa práxis é transformadora nas dimensões pessoal, comunitária, social. Nesse sentido a espiritualidade cristã encarna um paradoxo: viver em Cristo ou segundo o Espírito pode expressar-se assim, perder-se para encontrar-se (Mt. 10.38-39; paralelos em Lc 17.33; 9.23-26; Mt 16.24-27; Mc 8.34-38; Jo 12.25; Paulo possui expressões similares). Tradições religiosas milenares reforçam esse paradoxo. Não é fácil para os cristãos entendê-lo de modo consistente com uma espiritualidade prática e fiel ao gênio bíblico. O batismo simboliza esse perder-se para reencontrar-se,

morrer para ressuscitar. Exige-se uma atitude radical. Tal tipo de paradoxo tem sua raiz em Deus e em iniciativas divinas. A autêntica espiritualidade cristã implica uma condição prévia do querer e do amar que conjugam uma nova ordem das questões materiais, uma nova ordem de “mundo”, que tanto nos preocupam. Temos que aprender a habitar e partir

Espiritualidade

que chamamos da vida em Cristo ou no Espírito. Aqui podemos recorrer ao princípio patrístico da *theosis*, retomado por Wesley como um processo de santificação. A espiritualidade brota de uma fonte divina que age por nós, para nós, em nós. E participar dela é transformar-se nela como quem bebe na fonte originária de si mesmo. Perder-se não é apagar-se, anular-se, mas transformar-se

por uma conjugação a partir de uma nova raiz. Transformar-se nela não é um fim em si mesmo: a finalidade da transformação é o amor divino. O amor cristão move-se para fora de si. O perder-se para encontrar-se tem sua expressão paulina no “já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2.20). A espiritualidade é espiritualidade de caminho; nunca está acabada; os significados



da vida e do mundo não estão prontos, estão acontecendo.

Uma abordagem clássica aponta duas vias da espiritualidade cristã, dois caminhos axiais (ainda que não excludentes de outros, ou de um do outro): a mística e o seguimento. Entre os caminhos da rica mística cristã e o do seguimento de Jesus Cristo, Wesley optou pelo segundo sem deixar de se interessar pelo primeiro. Ou melhor, buscou na prática cristã uma obediência mística de estilo paulino. Uma práxis motivada por uma mística. Espiritualidade não é exercício estático que se fecha, místico-interior, ou de uma fuga do tempo e da história. A motivação não é temporal, mas não se deixa perceber a não ser pelo tempo.

Wesley nos declara nos

seus “Journals” que ele e seu irmão correram um enorme risco de se fecharem numa mística de pura interiorização ou pura espiritualização da vida. Espiritualidade, no sentido wesleyano, é práxis de transformação em Cristo, deixar Cristo tomar forma em nós e na comunidade humana. Espiritualidade é práxis, que começa consigo mesmo na relação com Cristo; é práxis que começa em si, mas não termina em si, pois está dirigida aos outros.

A espiritualidade em Cristo não se confina na estreiteza de um eu. Encontramos-nos quando nos descobrimos vocacionados para o outro. A espiritualidade cristã é marcada, desde o início, pelo compartilhar. A pessoa encontra seu valor pleno no espírito que se forma nas relações com Cristo a partir de outros. Esse traço da espiritualidade cristã (perder-se para achar-se por intermédio do outro) é uma de suas marcas mais ricas e lhe dá uma dimensão universal. O outro com sua diferença, o outro da pluralidade, o outro da tolerância, o outro companheiro/a, o outro pelo qual eu existo e me reconheço. Espiritualidade cristã, em seu sentido mais geral, pode ser descrita como o compartilhar a vida divina em nós e por meio dos outros. “Espiritalidade” é uma idéia ambígua, ampla e en-

globa muitas coisas. Reflexão, meditação, prática de vida, prática devocional, estudo, escuta da Palavra... Uma coisa, porém, é certa: a espiritualidade cristã autêntica busca alguma forma essencial de vida em Cristo com os outros.

Inquietação – repouso

Tomemos o par inquietação – repouso. Não pensemos, por ora, na inquietação das preocupações de tarefas ou dos conflitos internos da Igreja, ou das injustiças e conflitos da máquina global. Pensem que a espiritualidade começa com uma inquietação espiritual disposta para Deus e disposta para o outro/a. Na base de nossa rede de relações com o outro/a, com Deus, com o mundo, está uma inquietação e uma atitude do espírito. A Bíblia é um testemunho abundante dessas relações e dessas atitudes contrastantes entre si.

Essas inquietações fundamentais não buscam “soluções”. Essas inquietações buscam correspondências. Queremos buscar e ouvir essas correspondências que não se limitam à mente, mas correspondências que estão também no coração. Aqui podemos entender que Agostinho, Pascal, Wesley, encontram correspondência para essa inquietação de fundo em Deus, e daí nos amigos, na Palavra, na vida... Isso

não os tirou da luta, das preocupações sociais, dos equívocos, do sofrimento, da tristeza. Mas, encontraram repouso para a peculiar inquietação na correspondência que vem do coração de Deus. Em um sentido, a espiritualidade é essa inquietação, mas é também descanso, uma certeza de natureza não especulativa. O descanso, ao contrário do que acontece em outras situações, aguça ainda mais a inquietação; e a inquietação assim aprofunda o descanso. A espiritualidade começa quando entramos nesse duplo movimento e se amplia com seu movimento.

Podemos constatar isso nos cristãos mencionados. Sem esse movimento não participamos ativamente na vida divina e não assumimos a forma de Cristo. Espiritualidade é um caminho de mudança onde o coração de Deus e o coração do outro afetam profundamente o nosso espírito. Trata-se de uma espiritualidade peregrina, abraâmica. Caminhar como povo diante de Deus: “Eu sou o Deus todo-poderoso; anda na minha presença e sê perfeito” (Gn 17.1). É um caminho de transformação/transfiguração (2.Co 3.18) a partir de uma atitude fundamental, algo que não desconecta o mundo, mas aponta para uma vocação cuja origem não é o mundo.



A perfeição cristã em sentido wesleyano não é a busca de um impossível estágio humano alcançável, mas uma correspondência de horizonte de encontro e de quem caminha. No caminho a perfeição pode ser assinalada por Deus, em forma de amor divino, mas não se torna possessão humana. Essa inquietação fundamental da espiritualidade encontra-se no ser humano *in statu via* (enquanto peregrino) e em contínua busca das águas de descanso que nos levam às correspondências citadas. Por isso, participa do “pré-vio” em relação às outras atitudes. A inquietação e o descanso têm algo de divino e possibilitam-nos dar os passos necessários da vocação cristã.

Máquina global e contexto

Por outro lado, somos confrontados com as pre-ocupações e conflitos da máquina global. Respiramos a anti-espiritualidade, ou se preferirem, outro evangelho, outra atitude fundamental. Nossa espiritualidade deve ser uma luta contra poderes que dominam a máquina. Nossa transformação em Cristo entra em uma situação de contradições, conflitos, ambigüidades. Aqui creio que alguns estudiosos têm razão quando afirmam que toda experiência religiosa sofre de certa ambigüidade quando vivida e com-

preendida em contexto concreto. O importante é não deixar que essa ambigüidade e contradição com a máquina global paralisem nosso caminho e nossa transformação em Cristo. Isso nos coloca na situação de extrema dependência da Graça de Deus. Devemos reconhecer essa dependência e orar continuamente pela assistência e socorro de Deus na vida de conflito e de contradições como a nossa. A direção do caminho em última instância a Deus pertence. O ditado português “Deus escreve certo por linhas tortas” é uma descrição não só das contradições da máquina em relação às pessoas, mas também em relação à espiritualidade das pessoas em relação à máquina.

Criatividade e expressão

Uma espiritualidade que se faz caminho de vida e caminhar concreto possui dimensões comunitárias e pessoais. Essas estações revelam a conformação de temporalidade de nossas existências. Marcamos a espiritualidade comunitária e pessoal por momentos, celebrações, meditações, convivências especiais, etc... Essas estações ou marcas do tempo são expressivas, e requerem criatividade motivada pelo próprio impulso ou motivação espiritual que nossa

provoca. Essa criatividade revela a riqueza ou pobreza da atitude fundamental nas relações mais criativas como expressão de nossa espiritualidade e despojadamente em face do outro ou despojamento em relação ao tempo de uma celebração comunitária.

Espiritualidade que fermenta mudanças

Uma espiritualidade humilde e robusta frutifica em muitas direções. Ela não se confina a um pequeno grupo, pois sua força se transmuta em gestos, atos e palavras concretamente.

Ela é transformadora da vida pessoal e social, individual e comunitária, institucional e política. A força fermentadora não é uma propagação superficial, mecânica; a força fermentadora é uma transformação lenta, mas profunda.

Uma espiritualidade motivada e constituída por experiências e reflexões autenticamente originárias (que nascem de fontes mais profundas e legítimas) permeia, de forma quase silenciosa, o todo. Não só o pessoal, o interpessoal, mas também o institucional recebe a impressão. Assumir uma forma que germina a partir da força formadora de Cristo, da Palavra, das muitas formas de expressões pessoais e sociais revela a identidade que temos e



que não se limita aos aspectos de infra-estrutura material. Essa identidade é a mais profunda é a mais preciosa que devemos cultivar.

Rui de Souza Josgrilberg é pastor metodista e reitor da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista/Universidade Metodista de São Paulo. Este texto é um trecho de material mais amplo preparado pelo autor, resultante de momentos de reflexão na FaTeo, intitulado também “Pensar juntos os caminhos da espiritualidade na Faculdade de Teologia”.

Ana orou... um exemplo de espiritualidade

Convidada a refletir e traçar algumas linhas sobre a temática da espiritualidade, fiquei me perguntando: como falar de espiritualidade diante de um mundo neoliberal e globalizado, no qual a força motora é o sucesso, a competição desenfreada e o esquecimento dos valores do Reino, para dar lugar a uma prosperidade material “fria”, egoísta e individual.

Como estudante apaixonada da Bíblia, vou às suas páginas em busca de ajuda para trazer à memória palavras de esperança, fidelidade e amor.

A história de Ana

A história de Ana nos é contada no Primeiro Livro de Samuel, nos capítulos 1 e 2. Lendo sua história, percebemos que Ana era uma mulher que tinha livre acesso a Deus, apesar da sua situação de dor, sofrimento e sacrifício.

Ana, cujo nome significa “graciosa, amabilidade, graça, generosidade”, casou-se com Elcana, um levita pertencente a uma das famílias mais ilustres de sacerdotes. Ele a amava, no entanto, havia alguns fatos no casamento deles que tra-

ziam sofrimento a Ana:

- ela dividia seu marido com outra mulher, apesar de provavelmente ser a primeira esposa;
- não tinha filhos;
- sua rival, Penina, a provocava constantemente, lembrando-lhe que ela era estéril.

Mas na vida de Ana, apesar dos problemas, havia uma fervorosa vivência de adoração e oração. Anualmente, Ana caminhava ao lado do marido até a casa de Deus para adorá-Lo e oferecer-Lhe sacrifícios.

Numa dessas visitas, Ana chorava e não conseguia comer. Com amargura na alma e angústia no seu coração, seu ânimo se abateu. Então, Ana ora “em seu coração, movendo apenas os seus lábios”. Temos aqui um momento de intimidade com Deus, um encontro pessoal, em que ela derrama toda a sua dor, mágoas e angústias diante de Deus: “Ó Senhor dos Exércitos...”, começou ela. Em seu sofrimento, Ana suplicou a Deus, fazendo um pedido específico: “Ó Deus, eu quero ter um filho.” A sua oração foi

seguida por uma promessa: “então, ao Senhor

o darei por todos os dias de sua vida, e sobre a sua cabeça não passará navalha.” Ela descobre que sua fé podia ajudá-la naquele instante.

Para Eli, que olhava a distância, aquela cena era inédita. Nunca contemplou uma atitude dessa forma, daí a sua interpretação da situação ser equivocada: “Até quando estarás embriagada?” Ana, porém, estava na presença de Deus e por isso não sentiu qualquer desejo de se defender ou justificar. Apenas explicou a situação em poucas palavras.

Eli, diante da fala de Ana, muda a sua atitude e a abençoa: “Vai-te em paz, e o Deus de Israel te conceda a petição que lhe fizeste.” Então, a alegria invade o seu coração e Ana segue o seu caminho.

No tempo devido Ana gerou o seu filho, desmama o menino Samuel e o leva para o templo para entregá-lo ao Senhor, conforme o seu voto. Mesmo nesse momento difícil, Ana tem uma palavra de adoração e louvor a Javé pelo filho concedido: “O meu cora-

ção se regozija no Senhor, a minha força está exaltada no Senhor.”

Mariâ de Almeida Tomaz

Diante dessa história compreendemos a espiritualidade como o espaço cotidiano do sagrado, dádiva de Deus, porque é resultado de uma vida de santificação, pois, a espiritualidade tem a ver com o nosso dia-a-dia e com a nossa vivência de fé.

O que Ana nos ensina

Essa história nos inspira a buscarmos uma espiritualidade engajada, aquela que leva em conta a realidade da vida e está estritamente ligada ao dia-a-dia do ser humano, na qual a **mística** – que é o momento de encontro com Deus, de oração, de louvor, adoração, meditação, ... – e a **prática**, estão sempre unidas.

Destacamos, no Primeiro Testamento aprendemos que a espiritualidade possui um caráter místico, no sentido que os seres humanos precisam de se fortalecer n'Aquele que é doador de vida (espiritualidade íntima) e um caráter ético, pois essa experiência se dá no concreto da vida, num tempo e local determinado e exige de cada um o compromisso de fé e vivência (espiritualidade solidária).

E no Segundo Testamento, compreendemos que é Jesus Cristo, verdadeiro exemplo de uma espiritualidade engajada, quem nos aponta a direção para uma religiosidade comprometida. Ao lemos o relato da Transfiguração, percebemos que houve um momento de oração e profunda comunhão com Deus. Foi um instante de fortalecimen-

to da fé. Porém, Jesus transformou a experiência mística e profundamente espiritual em um momento de encorajamento para o cumprimento da missão. Ele ensinou que a espiritualidade não se esgota na oração e na mística. Ela é, também, o descer do monte, o comprometer-se com a situação de homens e mulheres que nos cercam, envolver-se com as suas

situações, anunciando-lhes o novo tempo de Deus, no qual a justiça e a misericórdia substituem todo o legalismo, egoísmo, preconceitos e indiferenças.

Viver uma espiritualidade engajada implica em afirmar que a VIDA de todas as pessoas tem um valor incalculável. É enfrentar conflitos, crises e confrontos. Espiritualidade sem engajamento

com os desafios que a vida impõe à comunidade é vazia e inócuia. É preciso construir novas relações sociais, econômicas, políticas, culturais, etc., nas quais todos tenhamos VIDA e VIDA EM ABUNDÂNCIA.



Uma face da espiritualidade de Cristo

Levi da Costa Bastos

A espiritualidade de Cristo

Nossa fé comum nos tem ensinado que Jesus Cristo viveu sob a influência do Espírito Santo, e isso de modo ininterrupto. Desde a Sua geração, passando pelo batismo, morte e ressurreição, a ação do Espírito foi determinante, dando-lhe a necessária vitalidade para cumprir o projeto redentor de Deus (Lc 3.21-22; 4.16-20). O Espírito de Deus o conduziu à missão (Mt 3.13-17). Em Sua vida ministerial nunca se separaram a energia (*dynamis*) do Espírito e o objetivo mais central de Sua existência, a saber: fazer a vontade redentora de Deus no mundo e vivenciar o amor Divino até as suas mais profundas consequências. Nesse sentido, pode-se afirmar que a espiritualidade de Cristo se revelou igualmente como a força que o capacitou para o martírio. Muito além da mera satisfação pessoal, a espiritualidade de Cristo adquiriu contornos “conflictivos”, pois ao anunciar a irrupção do Reino de Deus, Ele tomou o partido dos mais pobres e excluídos de sua sociedade (Mc 10.13-16; Mt 11.4-5, 25-26; 21.31).

No Seu tempo, o projeto de Deus estava de tal forma deturpado que os preferidos do Pai eram os preteridos no

mundo. A nova ordem proposta por Cristo (o Reino de Deus) significou pôr em questão a “desordem” de Seu mundo. O conflitante de Sua pregação residia exatamente no fato de que, anuncianto o Reino de Deus (tema central quase que exclusivo de Sua pregação), Jesus convocava pessoas à conversão, especialmente os que tinham substituído a Deus por bens, poder e prazer (Mt 19.23-30). Ele não passou ao largo dos confrontamentos da vida. Ante aos desvios de interpretação da lei praticados por muitos dos líderes religiosos, Ele não tergiversa em acusar-lhes de hipocrisia, de serem guias cegos enganados na pretensão de conduzir o povo à verdade (Mt 23.1-11).

A espiritualidade de Jesus Cristo não foi vivenciada em ambientes fechados, ao contrário disto, Ele afirmou que o verdadeiro ato de culto não está condicionado pelo espaço, mas pela integridade de caráter daquele (a) que se apresenta diante de Deus para adorá-Lo (Jo 4.19-30). Jesus esteve tão próximo do Pai que conseguiu ver Seu rosto refletido no rosto de pessoas simples e desfiguradas pela opressão econômica e social. Muito mais do que ver Deus nestas pessoas, sentiu-Se constrangido a to-

mar partido em favor delas. Exemplo incontestável disto foi o Seu acolhimento às prostitutas, aos grupos sociais que estavam arrolados entre os que deveriam ser mantidos à margem (marginalizados, portanto) da sociedade. Ele foi alguém que não se incomodou em aproximar-se de quem quer que fosse no momento em que achou mais acertado. Disto a visita à casa de Levi e o colóquio com a mulher samaritana são indicativos claros e irrefutáveis (cf. Mc 2.15-17; Jo 4.1-30). Mas, muito mais do que isso, Ele foi um ser profundamente alegre que ia a festas e se incomodava com a falta de vinho nestas (Jo 2.1-12; Mt 9.9-13). Ele soube, portanto, fundir harmonicamente uma autêntica e profunda piedade com os eventos próprios de Sua vida social, o sagrado e o secular. Podemos mesmo dizer que Jesus Cristo vivenciou Sua espiritualidade tanto no silêncio de uma prece solitária, quanto na alegria das conversas nas praças.

Redesenhar a espiritualidade cristã partindo da prática de Jesus

Para muitos cristãos, sensíveis ao suspiro angustiante da criação e desejosa por ser liberta (Rm 8.22), a forma com que a espiritu-

lidade tradicional se apresenta parece ter esgotado em muito seu significado, seu alcance interperlativo. Isso é também provocado pela atitude escapista daqueles que supostamente se julgam inundados pela graça de Deus. Lamentavelmente tem se tornado recorrente o fato de que cristãos se “enclausuram” no interior das Igrejas como forma de resistente oposição às influências supostamente pervertedoras do mundo.

Isso tem desencadeado um grande mal-estar naqueles(as) que, por força de sua vocação cristã e seu compromisso com o Reino de Deus, não querem fugir do mundo, mas nele vivenciar o seguimento de Jesus Cristo, proclamando com palavras e com atos o Evangelho do amor redentor de Deus. Essas pessoas sentem a necessidade de elaborar e viver a intensidade de uma experiência religiosa que, superando as formas alienadoras e doentias de espiritualidade, seja um convite para atuar redentoramente no mundo. Vai surgindo um movimento crescente no meio de cristãos engajados no sentido de reinventar a espiritualidade. Disto resulta, todavia, a pergunta pelos



fundamentos desta “nova” espiritualidade.

Uma das marcas da espiritualidade cristã nos dias atuais é sua dificuldade em relacionar-se criativamente com a corporalidade humana. Isto tem inúmeras explicações, mas talvez a mais plausível se encontre no Platonismo. Este hostilizava o corpo, visto meramente como uma prisão da alma. A compreensão grega de Deus (apático e impotente antes aos sofrimentos do mundo) espalhou-se pelo ideal da espiritualidade cristã antiga (período patrístico).

Em ambiente protestante, este desvirtuamento nos alcançou mediado especialmente pelo puritanismo pietista, o qual vinculou a espiritualidade cristã com uma atitude de fuga dos reais conflitos da vida. Se pretende ser efetiva experiência de li-

bertação, a espiritualidade cristã precisa urgentemente reconsiderar essa visão dualista da vida e da fé. Com isso queremos dizer que a espiritualidade cristã deve, pois, conduzir à glorificação do corpo e não à sua destruição, visto que este é o templo do Espírito (1 Co. 6.12-20). Deve orientar-se para uma verdadeira experiência de libertação que conduza à saúde integral do ser.

A espiritualidade cristã precisa ser capaz de comunicar aos crentes uma nova vitalidade, uma nova alegria e prazer pela vida, o que necessariamente deve levar à superação da apatia doentia e possibilitar a paixão pela vida, tendo aí o seu critério de verdade e relevância. Isso pressupõe, todavia, que seja extirpada da espiritualidade toda dimensão exclusivamente intimista, dissociada dos eventos da vida real.

Espiritualidade

A manifestação do Espírito deve fazer surgir o clamor pela vida libertada. Na verdade, os dons e carismas com que o Espírito agracia aos filhos de Deus são meios através dos quais se dá a intervenção destes no mundo. A santidade do coração deve ser pensada a partir de uma profunda e decisiva preocupação com o mundo criado por Deus. A vida de testemunho cristão precisa desenvolver uma relação curativa com toda a criação, isto é, a intervenção dos crentes no mundo não pode ser passiva ou neutra, mas sempre um sinal (sacramento) do agir salvador de Deus em favor daqueles (as) que sofrem injustiça. Isso significa, então, que ao princípio da santidade vista como um dom, segue-se ao da santidade vista como tarefa (resposta) cristã no mundo e para o mundo. Ela deve permitir a redescoberta da santidade da vida e o mistério Divino no interior da criação, defendendo-a contra a manipulação e a destruição pela violência humana.

Toda experiência com o Espírito Santo deve ter um caráter cristocêntrico. Isso que dizer que a correta orientação de toda e qualquer experiência espiritual com Deus deve ter obrigatoriamente a Jesus Cristo como paradigma fundamental. Esse será seu critério definitivo de valor e de verdade. A experiência do Espírito deve necessariamente conduzir

ao seguimento do Cristo, levando, por isso, ao enfrentamento com as forças físicas e espirituais do anti-reino. O seguimento de Cristo pressupõe a aceitação da “conflitividade” de Sua existência como cálice a ser bebido por todos os que se colocam no caminho do Reino de Deus. A santidade cristã não é outra coisa senão o seguimento do Cristo no poder do Espírito. É somente nesta forma de discipulado que a espiritualidade cristã deixará de correr o risco de converter-se em infrutífera vivência de alienação. Se se quer efetivamente cristã, a espiritualidade dará continuidade àquela que foi a vivência do Cristo sob o poder do Espírito. Isso fará do encontro com Deus, um desafio para que o fiel se desvista de seus egoísmos, assumidos ou inconscientes. A espiritualidade de Cristo continuará desafiando sempre que mantiver-se como um convite ao compromisso com a vida libertada, e nunca como um refúgio irresponsável.

Levi da Costa Bastos é presbítero da Igreja Metodista do Brasil, da 1ª Região Eclesiástica, atualmente servindo como Missionário na Alemanha, e doutor em Teologia pela PUC-Rio.

Por uma espiritualidade relevante no século XXI

“Amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma e com toda a tua mente. Este é o maior e o primeiro mandamento” e “Amarás o teu próximo como a si mesmo”.
(Mateus 22, 36-39)

Pensei em ler textos sobre este tema, mesmo já tendo lido vários em outros tempos. Como meu tempo estava escasso, nestes dias, optei por compartilhar um pouquinho do que eu entendo por espiritualidade e do que já está em meu coração.

A espiritualidade não acontece automaticamente, apesar de ser inerente a todo ser humano, pois fomos formados para nos relacionarmos com o Criador, direta ou indiretamente. Não devemos entrar no mérito do certo ou errado quanto às diversas

formas de espiritualidade existentes no ser humano hoje. Respeitar a espiritualidade alheia já é indício de uma boa espiritualidade pessoal.

Espiritualidade é o resultado do encontro do divino com o humano e de seus desdobramentos diários no caráter humano e de seu caráter na vida comunitária. O ser humano possui um vazio do tamanho de Deus em seu interior e somente a presença de Deus pode preenchê-lo completamente. Por isso, toda espiritualidade precisa, necessariamente, passar pela experiência do encontro com Deus, que passa a ser, a partir de então, o encontro consigo mesmo. Todo ser humano precisa de Deus, e se ele não consegue encontrá-lo em seu caminho, ou ele constrói um, ou torna-se um em si mesmo.

Um modelo de espiritualidade

Pensando numa espiritualidade relevante, penso na espiritualidade de Jesus Cristo. Ele foi relevante para o seu tempo e o é para agora. Quando lemos os evangelhos, descobrimos caminhos para cons-

truirmos nossa própria espiritualidade a partir da de Cristo.

Jesus Cristo, fez o que fez, foi o que foi, e é o que é não por si mesmo, mas por causa da presença do Pai em sua vida. Por isso, desenvolve um relacionamento com Ele e constrói um caminho até Sua presença. Ele afirma que sem Ele (O Pai) nada que foi feito se fez. Portanto, sua espiritualidade passava pela presença do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e investia horas em seu relacionamento com o Pai, convidando seus discípulos para estarem juntos.

O que nos impressiona na vivência de Jesus com seus discípulos, bem como com todo o povo, era sua capacidade de relacionar-se com eles/as de maneira tão simples, porém profunda e impactante. Jesus foi relevante por desenvolver uma espiritualidade diferenciada dos religiosos de seu tempo, pois seus valores estavam firmados no amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Amou tanto a Deus, que o obedeceu até o final de sua própria vida terrena, culminando na

Adonias Pereira do Lago

sua morte, ressurreição e consequente retorno para Sua presença. Amou tanto os seus semelhantes, indistintamente, que foi até as últimas consequências paravê-los salvos, libertos, consolados e transformados.

A presença de Jesus na vida das pessoas sempre gerava alguma mudança na vida delas. Precisamos experimentar uma espiritualidade que ofereça vida para o ser humano, não que tira dela sua esperança e o que ela possui. Não nos esqueçamos que Jesus Cristo veio promover a espiritualidade do coração, por isso proveu meios para sua conversão e mudanças radicais.

A espiritualidade relevante

A força da espiritualidade da Igreja está num coração contrito, compungido, humilhado na presença de Deus. Jesus foi revolucionário em sua mensagem e em seu testemunho para o interior humano, pois acreditava que um homem ou mulher mudado(a) por dentro poderia promover muitas mudanças ao seu redor, enquanto que homens ou mulheres sem tais al-

terações interiores, por mais que tenham conhecimento humano, pouco conseguem, com tais conhecimentos, mudar o interior das pessoas ao seu redor, haja vista que o ser humano, apesar de ainda ler pouco, nunca teve acesso a tanto conhecimento como agora, sem, contudo ter os efeitos almejados.

Caso desejemos cultivar uma espiritualidade relevante, precisamos necessariamente seguir as pisadas do Mestre. Ele mesmo disse que sem Ele nada poderíamos fazer, o que é profundamente verdadeiro nos dias de hoje. Creio que tudo começa com o encontro pessoal e sincero a partir do nosso coração. Nosso interior corrompido precisa ser visitado pelo divino de forma ativa e transformadora, caso contrário continuaremos desenvolvendo uma espiritualidade frágil e limitada em nossa vivência interior e relacional. A verdadeira espiritualidade é a do coração cheio de ações que condizem com as ações do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo.

Não podemos abrir mão da intimidade com Deus por meio de Sua Palavra e da oração na construção de nossa espiritualidade. Muitos pais da Igreja e o próprio Jesus nos ensinam estas disciplinas espirituais como sendo básicas nesta construção. O anseio por uma vida monástica, nada mais é que um desejo de aproximação de Deus, porém,

descobriu-se que esta, isolada da comunidade, perde seu sentido. Porém, deve permanecer o equilíbrio desta prática; oração sem ação prática a favor do próximo se torna repetição de palavras sem eco e sem vida. Palavra, sem o exemplo de vida, se torna hipocrisia religiosa.

Espiritualidade: vivência do amor de Deus

Temos como algo muito comum nos dias de hoje a espiritualidade do templo. Nossa espiritualidade está manca por não seguirmos o exemplo de Cristo. Ele sai do templo e vai orar nos montes. Nós não oramos nem nos templos, nem nos montes, como deveríamos. Ele sai para as ruas para abençoar e pregar o evangelho. Nós nos fechamos em nós e em nossos templos, aguardando que as pessoas nos vejam e venham. Ele não discrimina ninguém. Nós fazemos acepção de pessoas. Nós rejeitamos. Ele porém, acolhe.

Dentre muitas verdades que precisamos aprender, não podemos nos esquecer desta: nossa espiritualidade cristã passa pela vivência do amor de Deus como busca final de nossa existência e como alvo missionário para a humanidade. Viver Jesus Cristo de maneira intensa e vivenciar suas práticas restaurará não somente nossa própria dignidade, mas será canal de b
Espiritualidade

cercam, pois elas, embora já tenham alguma espiritualidade, aguardam a verdadeira manifestação dos filhos de Deus.

Adonias Pereira do Lago é bispo presidente da 5ª Região Eclesiástica da Igreja Metodista (Interior de SP, parte de MG, MT, GO e TO).



<http://www.aciprensa.com/Banco/images/oracion2.gif>

Espiritualidade e a dimensão Inter-religiosa

**“O vento as-
sopra onde
quer, e ouves
a sua voz, mas
não sabes de
onde vem, nem
para onde vai;
assim é todo
aquele que é
nascido do Espí-
rito”. João 3.8**

O conceito bíblico de espiritualidade na Bíblia é muito difícil de ser tratado. Não há palavra correspondente na Bíblia Hebraica. Na busca pela palavra “Espírito”, no Antigo Testamento, encontramos *ruah elohim* (Espírito de Deus) e *ruah Yhwh* (Espírito de Javé) no livro de Gênesis capítulos 1 e 6, respectivamente. Nestas duas referências a palavra está relacionada a vento, sopro, respiração e presença de Deus.

O boneco Adam, feito de *adamah* (terra e pó) só recebe vida depois que é soprado nele o espírito de Deus. Deste modo compreendemos, no relato da criação, que o essencial é o espírito para a vida humana

é aquele dado e tomado por Deus. Assim, segundo o biblista Tércio Siqueira, “ao receber de Deus o *ruah*, espírito que lhe possibilita vida, o ser humano é identificado como espiritual, isto é, um ser físico que transcende a si mesmo, criado a semelhança de Deus, e predisposto a, mentalmente, submeter-se ao Deus Criador”.

Nossa tradição é cristã e nosso livro sagrado é a Bíblia, por isso nossa reflexão estará sempre fundamentada nesta concepção – os relatos bíblicos.

Entretanto, o relato bíblico de João nos fala do “vento que sopra onde quer”. Fazendo uma analogia com este símbolo da ação do Espírito Santo de Deus, podemos imaginar o vento que sopra e recordar os seus movimentos. Fico realmente encantada com esta forma de compreender a espiritualidade.

Gosto de pensar no espírito como vento (brisa leve ou força de mudança). A palavra *ruah* está ligada a fenômenos da natureza e quer dizer exatamente este ar em movimento – algo que não se pode conter. O vento sopra onde quer... Que imagem linda!

Da família deste *espírito* – ar em movimento – ou-

vimos falar de *inspiração, conspiração, respiração, fôlego, hálito...* e a palavra que eu mais aprecio é *entusiasmo* (cheio do espírito).

Entender espiritualidade como um vento que sopra onde quer e na força que deseja é a melhor possibilidade de abrir-se para o conhecimento e compreensão desta dimensão no diálogo com outras tradições religiosas e mesmo entre os cristãos de tendências diferentes.

Na vida do profeta Elias, a sensação da presença de Deus se deu através da “brisa leve e suave” (I Rs 19), mas com Moisés deu-se através de uma sarça queimando-se (Ex 3) e o soldado ao pé das cruzes sentiu a revelação de Jesus como Filho de Deus na circunstância de um terremoto (Mc 15, 33ss). Quem pode dizer a forma correta de experimentar a presença de Deus? Ela pode ser uma brisa leve ou um terremoto.

Vivências que ensinam

Na vivência ecumênica que cultivo desde a adolescência aprendi a conhecer e respeitar muitas manifestações de espiritualidade. Tive o privilégio de conhe-

cer pessoas de tradições cristãs diversas: luteranos, católicos, anglicanos, presbiterianos, pentecostais, bem como religiosos de tradições judaica, budista, africanas, hindus, mulçumanos...

Compreendi que espiritualidade está relacionada com a experiência de Deus e com a experiência de viver bem consigo mesmo e com o outro/a. Espiritualidade está relacionada com as qualidades essenciais do ser humano, tais como o perdão, a compaixão, o amor, a solidariedade, as noções de responsabilidade e harmonia, a paciência, a tolerância e tantas coisas que proporcionam a felicidade para a própria pessoa e também às pessoas que lhe são próximas.

Nossa dimensão espiritual nos liga a Deus, a outras pessoas, à natureza. Ela representa a nossa possibilidade de transcender, ou seja, sermos mais que nós mesmos. A vida plena se estabelece a partir da vivência concreta desta dimensão.

Receio que a nossa tradição de fé judaico-cristã e as nossas constituições institucionais como Igreja Cristã nos tenham tornado avessos às experiências

Elena Alves Sihva

de outras religiões. Vemos no Antigo Testamento que os que não pertencem à casa de Israel são chamados de estranhos (*goyim*) e no Novo Testamento as pessoas que estão do lado de fora (Jo 10.16) também são chamadas de estranhas (*ethne*). Insistimos que os estranhos têm, necessariamente, que experimentar a nossa espiritualidade e a nossa forma de crer. Isto será mesmo necessário?

Vários teólogos têm construído uma reflexão diferente dos padrões fundamentalistas e descoberto que o Reino de Deus é maior que a Igreja. Eles têm entendido que a proposta de boa nova – Evangelho – pregada por Jesus Cristo é ampla e abrangente. Jesus mesmo disse que “pessoas virão do Ocidente e do Oriente, do Norte e do Sul, e vão comer no Reino de Deus”. Esta noção de hospitalidade descarta a hostilidade excludente de negar a experiência de outras religiões. Conheço especialmente um teólogo, Marcelo Barros, que afirma que é impossível crer num Deus que escolha revelar-se a alguns e que se esconda dos outros. Não há como pensar que religiões antigas, anteriores em muitos séculos à religião cristã, sejam uma farsa. Crer num Deus que é amor impossibilita a rejeição do outro e convida-nos à aceitação e ao acolhimento.

Entendo que os caminhos para o diálogo e o respeito são essenciais para nos tornarmos pessoas

Espiritualidade



melhores. Gosto do cristianismo seguidor de Cristo, aquele que não faz acepção de pessoas e que vê benefícios naquilo que outros fazem: “Não o proibais; pois quem não é contra vós outros é por vós”. O mesmo Jesus afirma que existem outras ovelhas a serem apascentadas, não significando que elas tenham que estar no mesmo aprisco (Jo 10.16).

Creio na diversidade como dádiva de Deus e como possibilidade de encontro e intercâmbio de sentimentos. Creio no ensinamento que afirma que a disputa pelo lugar certo da adoração não faz sentido, pois virá o tempo – e já chegou – em que “os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade, porque são estes que o Pai procura para seus adoradores” (Jo 4.23).

Outra noção importante que precisamos repensar é a missão e o diálogo. Só será possível avançarmos na missão salvadora do mundo na medida em que descobrirmos os valores de paz pregados pelas diferentes religiões. Organismos que reúnem lideranças mundiais, em especial a ONU, já afirmaram que o diálogo inter-religioso é o único caminho que nos levará a paz. Este é o anúncio profético e missionário que a terra inteira precisa ouvir: nós podemos construir, juntos, a Paz. A mensagem de Jesus em João 17 capítulo 21 hoje se reveste de grande importância e ouso parafraseá-la: “que todos os seguidores de Deus, que todos os homens e mulheres que buscam a justiça e a paz sejam um para que a terra inteira creia e liberte-se do mal”.

A intenção deste texto é como uma oração, um desejo colocado diante de Deus: desejo que estas reflexões encontrem lugar no coração de cada leitor/a, que inspirem caminhos novos e que os ares que soprarem em suas vidas cheguem a outro lugares, levando a força do vento transformador.

Elena Alves Silva é pastora metodista na Igreja de Itaquera, coordenadora da Assessoria Ecumênica na 3ª Região Eclesiástica e agente da Pastoral Escolar e Universitária do Instituto Metodista de Ensino Superior.

Inclusão de pessoas com deficiência: desafios postos ao nosso fazer missionário

Elizabete Cristina Costa Renders

“Mas o certo é que Deus ama toda vida humana. Por isso, não há na realidade nenhuma vida ‘reduzida’ ou ‘menos-válida’. Cada vida é, à sua maneira, vida divina, e como tal devemos reconhecê-la e respeitá-la.”

Jürgen Moltmann

A história das pessoas com deficiência é marcada, ora pelo assistencialismo caritativo (*coitados*), ora pela atuação clínico-terapêutica (*doentes*), o que tem ocasionado na vida destas pessoas as marcas da segregação, exclusão e invisibilidade social. O rompimento deste histórico parece ser vislumbrado com a chegada de uma nova proposta: a inclusão – na qual as pessoas com deficiência ganham visibilidade e as incapacidades são compartilhadas com a sociedade no sentido da superação das barreiras



arquitetônicas, comunicacionais e atitudinais.

Os estigmas ou as objeções (produtores do medo e do preconceito) impostos às pessoas com deficiência têm, muitas vezes, origens em antropologias religiosas. Quando, por exemplo, na Antiguidade se colocava a pessoa com deficiência na categoria de sub-humana – a deficiência tinha origem divina (anjos) ou demoníaca (demônios). Ou ainda, quando, na Idade Média – no universo judaico-cristão, a deficiência era sinônimo de castigo divino. Enfim,

os estigmas trazem em si uma conotação de des-humanidade que leva à discriminação, segregação ou exclusão e, muitas vezes, eles se constroem fundamentados em antropologias religiosas. Na verdade, o que se coloca em discussão é a condição humana. Seria possível uma imperfeição original? Como pode ser humana (perfeita) a pessoa com deficiência?

Nos termos da ação missionária, isto nos faz ainda hoje perguntar: Como poderemos dizer a uma pessoa com deficiência que ela é criada por

Deus - se acreditamos que Deus cria apenas seres perfeitos? Ou seremos convintes com afirmações do tipo: “Deus o quis criar são também, mas algo saiu errado, de maneira que você é uma espécie de produto divino defeituoso”? Entendemos, todavia, que as igrejas têm uma tarefa crítico-profética, nos termos de um fazer missionário que construa e não diminua o ser humano em função de suas deficiências. Mas como fazer isto?!

Dignidade humana:

alvo missionário

A aproximação que propomos (entre o paradigma da inclusão e o fazer missionário) se dá, exatamente, no sentido do resgate da dignidade humana de todas as pessoas. Se as igrejas e os discursos teológicos contribuíram historicamente para a criação de estigmas em relação às pessoas com deficiência, entendemos que, em um novo momento histórico, estas mesmas igrejas devem rever seus conceitos e ações no sentido da inclusão das pessoas com deficiência. Isso deve ocorrer tanto como lugar teológico (a experiência de Deus na perspectiva das pessoas com deficiência), quanto em nossas práticas pastorais (com a implementação da acessibilidade nos espaços eclesiás). Nestes termos, trata-se de um desafio missionário interno (eclesial) e externo (atuação profética na sociedade).

Alguns documentos confessionais têm apontado para uma missão inclusiva – no sentido da diversidade da criação. Podemos citar, como exemplo, o texto: *Uma igreja de todos e para todos*: uma declaração teológica provisória (CMI, 2005), no qual destaca-se o fato de que, nas igrejas, repete-se, justifica-se e, desta forma, se fortalece a discriminação pela limitação. Nossa primeira grande desafio será, portanto, transformar as ações relacionadas às pessoas com deficiência

de atos de “caridade” em atos de reconhecimento dos seus direitos como seres humanos. Neste sentido, a cristologia será a porta de entrada para propostas missionárias inclusivas. Jesus Cristo respeita e acolhe a todos, pois “Deus não faz acepção de pessoas” (Atos 10.34). Cristo acolhe toda a condição humana, inclusive sua vulnerabilidade.

O que se propõe no paradigma da inclusão é a percepção da deficiência não mais como limitação (visto que todos somos limitados), mas sim como diferença – o que enfatizaria o respeito à diversidade humana. Em termos missionários, poderíamos falar da diversidade, não só das espécies, mas da singularidade e beleza de cada indivíduo criado por Deus (Gen 1.31). Assim, as tradicionais interpretações da deficiência, tais como: punição de pecados cometidos pela pessoa ou pela família em gerações anteriores; um sinal de falta de fé que impede que Deus opere a cura; uma manifestação demoníaca, sendo necessário o exorcismo para superar a deficiência, etc., devem ser superadas. Tais práticas não significam a pessoa humana, mas oprimem e desqualificam as pessoas com deficiência para a convivência social ou, até, para a pertença às nossas comunidades de fé.

O que fazer?

Entendemos, portanto, que as igrejas têm como um de seus desafios missionários a criação das condições de acesso e permanência da pessoa com deficiência em nossas comunidades. Traduzindo em nossa prática missionária diária, seria:

- Não utilizar metáforas que sugerem vínculo entre deficiência e pecado tais como: “cegueira” para referir-se à falta de compaixão; “surdez” para referir-se à falta de vontade de ouvir; e “doente mental” ou “paralítico” para referir-se à falta de determinação;

- Distinguir o processo de cura (*healing*) e o sarar - a cura em si (*cure*). O ministério de Jesus era um ministério da cura (*healing*) e não da simples eliminação de doenças (*cure*);

- O planejar o culto e a organizar os espaços da igreja considerando a participação das pessoas com deficiência: boa iluminação, boa acústica, rampas de acesso à igreja e ao altar, espaços reservados para cadeirantes, tradução em LIBRAS (língua de sinais), textos bíblicos em Braile, etc.

As deficiências (físicas, sensoriais, intelectuais, etc.) não podem ser interpretadas como limitações da dignidade das pessoas em questão - pois deficiências e limitações (assim como as habilidades e potencialidades) fazem parte da condição humana. É em meio às diferenças e deficiências que nos

reconhecemos como pessoas que carecem da graça de Deus – pois é a graça de Cristo que sustenta a vida humana: “porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus” (Ef.2.8).

Por outro lado, ao considerarmos nossa atuação profética na sociedade, a acessibilidade destaca-se como um tema relevante para as igrejas, pois o fazer missionário apontará para a necessária eliminação das barreiras físicas, comunicacionais e atitudinais impostas às pessoas com deficiência. Aliás, os estudiosos da área são unânimes em dizer: as pessoas com deficiência sofrem muito mais pelas barreiras que lhes são impostas socialmente do que pela própria deficiência. Dentre estas barreiras destacam-se o medo e o preconceito (barreiras atitudinais), sendo que estes, segundo Moltmann, só desaparecerão no “ato de encontrar”. Mas como nos encontrar (pessoas com e sem deficiência) se não tivermos acesso uns aos outros?! Acessibilidade, portanto, é uma exigência para o encontro – e sem encontro não há missão, não é verdade?!

Elizabeth Cristina Costa Renders
é pastora metodista, mestre em Ciências da Religião e Assessora Pedagógica para Inclusão na Universidade Metodista de São Paulo.

Messias: uma esperança fermentadora do Reino de Deus

Térlio Machado Siqueira

Oprimido por reis incompetentes e tiranos, ou agredido por exércitos dos países vizinhos, o povo crente e fiel se valeu de seus porta-vozes, os profetas, para reanimá-lo com suas palavras de esperança. Entre tantos anúncios de esperança, um marcou definitivamente a literatura profética: a vinda do Messias. Porém, antes de abordarmos os textos bíblicos, é preciso salientar que havia duas tradições messiânicas. Parte do povo esperava um messias guerreiro, mas havia uma corrente que acreditava que o Ungido de Deus possuía as características de um pastor.

O Messias guerreiro

Parte do povo israelita esperava por um messias político e guerreiro. Entre tantos textos bíblicos que mostram esta posição, citamos aqui o Salmo 2. Nessa composição, a ação do Deus de Israel e do seu messias é descrita de modo debochado e violento: divertirá e ridicularizará às custas dos povos (v. 4), falará com ira e raiva (v.5), quebrará e esmagará os adversários com vara de ferro (v.9). O objetivo dessa ação bélica

é conquistar os povos e as suas terras (v.8).

Esta descrição faz parte da história de Israel. A atividade desse movimento político e religioso persistiu nos dias de Jesus. A evidência de sua atuação pode ser encontrada no grupo que colocou uma placa na cruz de Jesus, após a crucificação. Inconformado e decepcionado com a atuação de Jesus – que não restaurou politicamente Israel – o grupo, de forma irônica, titulou-o com a frase: “Este é Jesus, o rei dos judeus” (Mt 27.37).

O Messias pastor

Não se pode calcular a quantidade de pessoas que esperava pelo *messias-guerreiro*, mas é possível tentar localizar na sociedade israelita os defensores de cada um desses dois movimentos. O primeiro grupo vivia em Jerusalém sob a influência do poder político, econômico e religioso. É gente que só pensa em conquistar terras e povos, sem levar em consideração as necessidades do ser humano.

O movimento de pessoas que esperava por um *messias-pastor* foi mais representativo na sociedade israelita. Os profetas



canônicos representaram bem este movimento. As caracterizações, feitas por eles, foram sugestivas e significativas, especialmente, para os quatro Evangelhos, no Novo Testamento.

Em Isaías

O profeta Isaías viveu em um contexto social e histórico bastante específico. Os capítulos 6 a 9 retratam o início de sua atividade, em que os agressivos conquistadores assírios ameaçavam a Síria e os reinos de Israel e de Judá (740-732 aC). Diante dessa ameaça, Isaías exigiu do rei Acaz uma posição firme e corajosa (7.1-9). O verso 9 é decisivo para Isaías: *Se não o crerdes, presta*

atenção! Não permanecereis! A advertência de Isaías refere-se ao medo do rei Acaz (v. 2 e 4). Decepção-nado com o medo do rei, o profeta recomenda que o rei peça um *sinal* a Deus (v.11). Assim, diante do medo e falta de confiança em Deus, o *sinal* tem a função devolver a fé ao rei. Surpreendentemente, Acaz recusa-se aceitar o *sinal da fé*. É nesse contexto de medo e desconfiança que o profeta anuncia a vinda do messias *Immanuel*, *Deus está conosco* (v. 14) para substituir a dinastia de Davi que recebeu a unção para governar Israel. O medo e a falta de fé são incompatíveis com a missão de um ungido de Deus. Por isso, o

anúncio de Isaías causou um grande impacto político naqueles dias, mas a repercussão desse julgamento permaneceu como uma semente na terra, por séculos, na memória do povo bíblico.

Isaías foi o profeta que descreveu, certamente, com maior intensidade o perfil *messias Imanuel*: Conselheiro maravilhoso, Deus forte, Pai Eterno e Príncipe da paz (9.6). Além de todas estas qualidades, é bom observar que o *menino Imanuel* não deixaria de carregar características de coragem e fé de grandes líderes como Abraão, Moisés e, especialmente, Davi.

Em Miquéias

Miquéias foi contemporâneo do profeta Isaías. Enquanto Isaías atuava em Jerusalém, Miquéias pregava no interior de Judá. Apesar de sua proximidade, com Isaías, no tempo e no espaço, Miquéias divergiu em um ponto fundamental na interpretação do *messias*. Ele caracterizou o *messias* de uma maneira singular, bem próxima da tradição dos moradores do interior de Judá. Ele insistiu em caracterizar o *messias* como um pastor: *ele governará... ele se erguerá e apascentará o rebanho com a força de Javé... e este será a paz* (Mq 5.2-5a; Hebraico 5.1-4a). A fraseologia empregada pelo profeta caracteriza o *messias* com uma nova roupa. Enquanto o povo de Jerusalém esperavam um *messias* guerreiro (con-

forme Salmo 2), Miquéias define-o como um governo que carrega os dons da sabedoria para governar. A raiz hebraica do verbo governar é *mxl, governar*, é a mesma do substantivo *maxal, dito de sabedoria*. Porém, o sentido mais significativo que Miquéias dá para o *messias* é a ação de *apascentar* o rebanho pela força de Javé, mas não do exército (v.3). Os verbos *maxal, governar, e ra'ah, pastorear*, estão em paralelo. Na poética hebraica, este paralelismo denota sinônimo. A intenção do profeta fica mais clara quando ele completa o seu pronunciamento sobre a ação do *messias*: *este trará paz* (v. 5a; Hebraico 4a).

O evangelista Mateus tomou esta períope para completar outras informações sobre o *messias*, para compará-lo a Jesus: o *messias* nasceu em Belém Efrata (v.2; Mt 2.6; Jo 7.42). Esta informação é importante para a legitimação do *messias-pastor* (Jo 10.11).

Em Jeremias

O profeta Jeremias retomou o anúncio do Messias. A insatisfação com o rei Zedequias ou Sedecias (597-587) era enorme. Como Isaías, o profeta Jeremias resgata a esperança de ter um novo Davi, à frente de Israel: *suscitarei a Davi um germe justo... reinará e agirá com inteligência e fará direito e justiça...* (23.5-6). A expressão *germe justo* aponta para uma renovação da dinastia davídica. Trata-se de um novo título

para o esperado Messias. Denominando-o *germe justo*, Jeremias quer afirmar que o rei messias exercerá plenamente a função real defendendo o pobre.

Em Ezequiel

Ezequiel, que profetizou entre os exilados na Babilônia (597-537 aC), também retomou o título *pastor* para caracterizar o rei-messias. Era um tempo de violência, mas o profeta não anunciou um rei-guerreiro para enfrentar e derrotar os inimigos. Suas afirmações soam como as de Jeremias: *suscitarei para eles um pastor que apascentará (...) e ele lhes servirá de pastor* (34.23).

Em Ageu

Nascido durante o exílio babilônico, Ageu foi um dos idealistas israelitas que voltaram para ajudar a reconstruir o Templo de Jerusalém (520-515 aC). O povo bíblico tinha perdido a terra, o rei, o Templo, entre outros valores. Para o projeto de reconstrução, Ageu anuncia que Javé levantará um novo Davi, de nome Zorobabel, um libertador que tem o título de *sinete* (2.23; conforme Zc 6.12). Ao caracterizar o Messias como *sinete*, Ageu quer qualificá-lo como um autêntico representante de Javé. O *sinete* era um instrumento de identificação de uma pessoa (Gn 38.18; Jr 32.10).

Em Zacarias

O profeta Zacarias foi companheiro de Ageu na reconstrução do Templo

de Jerusalém que representa, para o povo disperso, um sinal de unidade. Num momento difícil da vida do povo, quando a falta de alternativa alimentava estranhas promessas de libertação, Zacarias tem a coragem de afirmar que o *messias* de Javé não recorrerá às ações militares para libertar o povo: *Eis que o teu rei vem a ti: ele é justo e salvador e ajudador; Ele é pobre, montado sobre um jumento (...) Ele anunciará a paz às nações* (9.9-10).

Concluindo

É interessante observar que o AT mostra que a tradição do *messias* – rei, menino, pobre, pastor, promotor da justiça e da paz – estava presente nos anseios da comunidade israelita ao longo de séculos. Jesus assumiu esta tradição, mas Ele se recusou a denominar-se guerreiro. Os Evangelhos mostram que o ministério de Jesus foi caracterizado pelas descrições desses profetas: *menino, Imanuel* (Isaías); *germe justo* (Jr 23.5; Zc 6.12); *pastor* (Mq 5.1-4; Jr 23.1-4; Ez 34.23); *sinete* (Ag 2.21-23); *justo e salvador* (Jr 23.1-5; Zc 9.9-10). Por isso a comunidade cristã cognominou Jesus o Cristo, isto é, o *Ungido*, o *Messias* anunciado pelos profetas.

Tércio Machado Siqueira é pastor metodista, doutor em Ciências da Religião e professor de Bíblia da FaTeo.

Navegando pelas águas ecumênicas: tempo instável, barco firme

Magali do Nascimento Cunha

O desafio de avaliar a conjuntura do movimento ecumônico exige uma atitude significativa que é a de desativar algumas equações que, muitas vezes, enquadraram e amarraram a reflexão ecumônica. Uma delas é a equação “movimento ecumônico = igrejas/Conselho Mundial de Igrejas (CMI)”. Se trabalharmos com a ênfase de que o movimento ecumônico, como diz o termo, é um movimento, portanto, formado por uma diversidade de expressões e vocações em nome da unidade; e que foram grupos de leigos, de missionários, de pastores/as, de teólogos/as, de pessoas vocacionadas para a promoção da unidade, aqueles/as que, somados/as a grupos de famílias confessionais que se uniam entre si e umas com as outras, plantaram as sementes desse movimento, superamos então essa equação.

O movimento ecumônico tem as igrejas como um dos seus fortes eixos e o CMI como sua expressão mais significativa e importante, mas tem sua dinamicidade consolidada independente do apoio ou da oposição, da adesão ou

distanciamento das igrejas. A história tem afirmado isto.

Um barco construído por Deus

Outra equação que, por vezes, enquadrara e amarrara a reflexão ecumônica é “ecumenismo = movimento ecumônico”. Se trabalharmos com a compreensão de que “ecumenismo” é um projeto de Deus, um princípio cristão, um mandato missionário, tal qual os escritos bíblicos nos apresentam, temos claro que o que chamamos de movimento ecumônico, com todas as suas vertentes e expressões, é o resultado dos esforços de concretização desse princípio ao longo da história. Portanto, não podemos condicionar a solidez do princípio aos rumos, avanços, fracassos e contradições contabilizados pelo movimento. O princípio ecumônico é muito maior do que o movimento ecumônico tal como o conhecemos.

O movimento é resultado do princípio da *oikoumene*, do projeto de Deus, e deve se pautar por ele, e não o contrário disso.

No Brasil, por exemplo, o movimento ecumônico já viveu momentos áureos, com a atuação da Confederação Evangélica do Brasil e dos movimentos de juventude, suas parcerias e extensões, muito especialmente nos anos 50. Com o golpe militar e o resultante período de repressão, alimentado pelo alinhamento de algumas igrejas à ditadura, de forma explícita com apoio direto, ou implícita, com o silêncio e a omissão, o movimento ecumônico viveu dias difíceis. Esse tempo foi superado e o movimento sobreviveu graças ao esforço de gente vocacionada que se juntou, ainda que de forma subversiva, e manteve o princípio e os ideais, levados adiante por organizações que foram se formando e desafiando as igrejas, o que foi aceito por algumas, que depois se reorganizaram a partir dos anos 70 na Coordenadoria Ecumônica de Serviço (CESE) e no Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC).

nos ativermos às igrejas e suas posições/posturas/decisões, vamos identificar muita crise e frustração. No plano nacional, a retirada da Igreja Metodista do CONIC, da CESE e de outros órgãos em que esteja presente a Igreja Católica Romana ressalta também a realidade restritíssima da adesão das instituições eclesiásticas brasileiras a essas e outras organizações ecumênicas; situação compartilhada por outros países da nossa América Latina. Ainda há o caso da Igreja Presbiteriana do Brasil que, mesmo sempre fechada a qualquer articulação nacional, ainda respirava o sopro da unidade via participação na Aliança Mundial de Igrejas Reformadas, mas retirou-se dela no ano passado, decretando isolamento absoluto.

Ondas altas e tempestades

Essas idéias me ocorrem toda vez que refleto sobre a conjuntura do movimento ecumônico. Se



No plano mundial temos a recente Declaração do Vaticano *Dominus Iesus*, e a reafirmação de compreensões, uma vez superadas, que evocam a supremacia da Igreja Católica Romana sobre as demais igrejas cristãs, isto ao lado de outras posições romanas que indicam retrocesso como a compreensão da liturgia e sua forma de comunicação, privilegiando o latim, o que certamente fecha muitos canais de diálogo e interação. Ainda no plano mundial estão as dificuldades vividas pelo CMI, tendo que gerenciar a permanente tensão entre protestantes e ortodoxos e buscar formas de aproximação com os hegemônicos pentecostais e os expressivos evangelicais para continuar a sobreviver como um conselho de igrejas do mundo.

Atrelar o movimento ecumônico às igrejas é amarrá-lo a essas e a outras tantas posturas que quando não negam o princípio de unidade contida no projeto de Deus para a sua Criação, o relativizam e modificam para dar lugar aos seus próprios projetos institucionais eclesiásticos, em torno do qual está sempre uma questão chave: o poder e suas disputas.

Novas águas

A 9ª Assembléia do CMI, realizada em Porto Alegre, em 2006, desafiou as igrejas e demais participantes em dois momentos: (1) quando se dispôs,

na programação denominada “Conversações Ecumênicas” e nos comitês, a abrir um caminho determinante para o futuro do CMI e do movimento ecumônico: a reflexão e a busca de práticas em torno das mudanças no contexto eclesial e ecumônico; (2) a experiência do Mutirão.

A Conversação Ecumônica “Mudanças no contexto eclesial e ecumônico” trouxe para a mesa os temas das novas formas emergentes de ecumenismo e dos desafios no caminho para a unidade – a busca de uma resposta ecumônica para hoje. Estes dois temas se unem no que o secretário-geral do CMI, Samuel Kobia, denominou, no seu relatório: a reconfiguração do movimento ecumônico. Não é possível mais compreender o movimento ecumônico como uma unidade de estruturas, mas, sim, um mosaico com muitos corpos e muitos membros, muitos interlocutores e ministérios especializados.

As igrejas, protagonistas no passado, dividem agora o cenário com muitos outros atores. Chegou-se, na assembléia, a compreender este processo com a metáfora de uma coreografia ecumônica, em que muitos participam, cada um com um passo, uma expressão diferente, mas todos “dançando” a mesma música (o projeto de Deus), em harmonia.

O segundo momento, destacado aqui, o Mutirão,

confirma esta reflexão. Foram centenas de projetos, organismos, grupos eclesiásticos e não eclesiásticos que ali estavam para partilhar suas ações, dando visibilidade ao mosaico de muitos corpos e muitos membros. Educação, gênero, teologia, meio-ambiente, superação da violência, juventude, saúde, direitos humanos... difícil elencar aqui em poucas linhas todos os temas e motivações para ação e reflexão ali partilhados por gente de mais de uma centena de países, de diferentes sexos, idades, etnias, culturas, confissões de fé. Estimulante e contagiante experimentar tanta vitalidade. Sim: o movimento ecumônico é muito maior do que as igrejas.

Deus é quem conduz...

Com isso não quero dizer que não devamos continuar desafiando as igrejas à conversão. Como metodista, espero continuar trabalhando para que as lideranças da minha comunidade de fé refaçam o caminho de muros e obstáculos construídos no último ano. Isto é, que abram mão dos projetos de poder institucional em nome do projeto maior de Deus, em que diálogo e partilha são palavras-chave, e não disputa, rancor e ressentimento. Isto é conversão, *metanôia*, sempre em pauta na caminhada cristã. Creio que o mesmo devem fazer presbiterianos do Brasil, católico-

romanos e pentecostais. E como o tem feito gente por todo o mundo, há motivos de esperança. Um deles é o projeto liderado pelo CMI em torno de um código de conduta cristão sobre a conversão religiosa, que já tem unido em diálogo teólogos e líderes católicos, ortodoxos, protestantes ecumênicos, protestantes evangelicais e pentecostais. Pode-se saber mais em <http://www.oikoumene.org/es/novedades/news-management/all-news-spanish/display-single-spanish-news/article/1637/codigo-de-conducta-cristi.html>

Fato é que a história está reafirmando o que sempre nos mostrou: movimento é movimento e o barco ecumônico, por mais que sofra com alguns que queiram lhe tomar o leme ou agitar a água para pô-lo a pique, continua navegando nas correntes cada vez mais vigorosas, pois, como diz o poeta: *Não sou eu quem me navega/ quem me navega é o mar/ O leme da minha vida/ Deus é quem faz governar/ E quando alguém me pergunta/ Como se faz pra nadar/ Explico que eu não navego. Quem me navega é o mar.*

Magali do Nascimento Cunha é leiga metodista, professora de Ecumenismo da FaTeo e membro do Comitê Central do Conselho Mundial de Igrejas representando a Igreja Metodista no Brasil e as igrejas da América Latina. Texto publicado no Boletim Rede (Rede de Cristãos de Classes Médias), setembro 2007.

Os (verdadeiros) símbolos do Natal

Programa para uma cantata natalina

Luiz Carlos Ramos

A narrativa bíblica do Natal, conforme as encontramos nos Evangelhos, particularmente o de Mateus e o de Lucas, é repleta de elementos simbólicos colocados em destaque no grande evento pelo qual a glória de Deus visitou a humanidade na simplicidade de uma criança recém nascida. Hoje queremos recordar alguns desses símbolos, mas em lugar de destacar as estrelas, o cocho e os animais, queremos resgatar a presença humana, demasiadamente humana, daqueles e daquelas que testemunharam o primeiro Natal.

1. Pastores que viviam nos campos

Música

Encenação: Entrada dos sem-teto

Narração: O Evangelho de Lucas inicia a narrativa do Natal de Jesus fazendo referência aos pastores que viviam nos campos. Esses trabalhadores do campo foram os primeiros a ver no céu o sinal da salvação porque não tinham um teto sobre sua cabeça. Esses pastores eram trabalhadores muito humildes, chegavam mesmo



a ser desprezados como indignos e discriminados por pertencerem à base da pirâmide social. Quem seriam hoje os

Crônica

A mensagem do Natal nos nossos dias deveria alcançar em primeiro lugar os que estão desabrigados, e por isso vivem nas ruas,

os que trabalham no se-
reno ou se revezam nos
turnos da noite. Os pri-
meiros símbolos bíblicos
do Natal contemporâneo
deveriam, então, ser os
sem-teto, os sem-terra, os
andarilhos, os vigilantes e
porteiros, e todos aqueles
e aquelas que passam as
noites sob as estrelas, à
espera de uma boa nova
de salvação.

Música

2. Anjos mensageiros

Encenação: Entrada do Motoboy que entrega mensagens aos sem-teto

Música

Narração: Os Evange-
licos dizem que uma
multidão de anjos po-
voou o céu na noite
do Natal, cantando e
louvando a Deus, e diz
ainda que anunciam
uma boa notícia que
glorificaria a Deus no
céu e traria paz para
todos na terra. Esses
anjos eram *mensageiros*,
portadores de notícias
e informações impor-
tantes.

Quem são os anjos men-
sageiros contemporâneos?
Os portadores das notícias
que nos chegam hoje? São

os carteiros, os officeboys e os motoboys; são também os jornalistas, repórteres e todos esses profissionais que se arriscam para que as informações cheguem até nós. Anjos, portanto, são todos aqueles homens e aquelas mulheres que em algum momento nos trazem boa nova que dão alegria, informações que de alguma forma glorificam a Deus e trazem paz à Terra.

Música

3. Mulher grávida e parturiente

Encenação: Entrada de uma mulher grávida. Os sem-teto a acolhem. Ajudam-na a dar á luz.

Narração: “Nascido de mulher”, assim chegou o Salvador. Maria foi escolhida para ser a mãe de Jesus. Nos tempos bíblicos, ser mulher, por si só, significava ter de enfrentar uma condição de preconceito e discriminação, ainda maiores do que nos nossos dias. No caso de Maria, havia um agravante: além de ser pobre, ela ficou grávida antes de se casar. Mesmo assim, os pastores foram orientados a procurar por uma mulher que acabara de dar á luz

uma criança, porque isso lhes serviria de sinal de que ali estava o Salvador.

Seríamos nós capazes de tratar as mulheres grávidas e, em particular, as mães sozinhas e pobres, como portadoras da salvação?

Música

4. Magos do Oriente

Encenação: Entram em cena três pessoas caracterizados com roupas próprias das religiões orientais: budista, muçulmano e xintoísta (hindus).

Narração: Diz a tradição do Natal que uns Magos visitaram o Salvador. Sabe-se muito pouco sobre eles: que eram do Oriente, que eram magos, que observavam as estrelas e isso é praticamente tudo.

A criança de Belém se constitui em ponto de encontro de parentes e vizinhos, mas também de desconhecidos e estrangeiros. Sendo do Oriente e sendo magos, esses senhores provavelmente não professavam a religião de Israel. Observadores de astros, eram uma mistura de astrônomos

Crônica

e astrólogos, meio cientistas e meio feiticeiros. Ainda assim, são recebidos pela família do Salvador.

Seria o encontro, aproximação e diálogo entre as diferentes religiões mundiais, um dos símbolos do Natal? Os nossos dogmas adultos nos afastam, mas o Deus menino nos aproxima. Não precisamos concordar em tudo, nem acreditar nas mesmas coisas, mas podemos nos encontrar para servir a Deus no serviço uns dos outros, servindo até mesmo aos que não crêem. A salvação não é exclusividade de uns

poucos, mas um dom oferecido do Céu para toda a Terra. E as diferentes expressões de fé podem nos presentear com seus conhecimentos, sua sabedoria e sua amizade, como fizeram os magos a Jesus.

Música

5. Criança que usa fraldas

Encenação: A mãe apresenta o bebê recém-nascido a todos.

Música

Narração: Mas o maior de todos os símbolos bíblicos do Natal é a criança. Os pastores foram orientados a procurar “uma criança

envolta em faixas e deitada em manjedoura” (Lc 2.12), e este seria para eles o grande sinal de que estavam diante do “Salvador, que é Cristo, o Senhor” (Lc 2.11). Essa criança era uma criança pobre. Não tinha berço, nem usava trajes nobres. Era uma criança simples que vestia trapos. Contudo, trazia dentro de si um amor tão grande, que foi capaz de salvar o mundo. Deus no colo de uma mulher... Deus nos braços da humanidade...

Música

Narração: O Natal não nos fala, então, de um Deus furioso, vingativo ou violento; ao contrário, ele nos fala de um Deus frágil e terno, um Deus bom e alegre, um Deus como você e eu. FELIZ NATAL!

Música

Natal, 2007

Luiz Carlos Ramos é pastor metodista, professor da FaTeo e Coordenador de Liturgia.

O Calendário Litúrgico

Luciano José de Lima, Luiz Carlos Ramos e
Sueli Xavier dos Santos

Apresentamos a seguir uma introdução básica sobre os ciclos litúrgicos.

Ciclo do Natal

O Ciclo do Natal corresponde a quatro tempos litúrgicos do calendário cristão, a saber: Advento, Natal, Epifania e Batismo do Senhor. Este ciclo tem início quatro domingos antes do Natal e se estende até o Batismo do Senhor.

Advento

O **Advento** é o tempo que marca o início do calendário litúrgico cristão. Sua origem é documentada a partir do século IV a.C. Semelhante à preparação da Páscoa, *expiação* de Cristo, o Advento surge como preparação para o *nascimento* de Jesus, o Natal. Advento, do latim *adventus*, significa “vinda”, “espera”. Trata-se de uma celebração onde o foco é a expectativa da vinda do Messias, o Cristo prometido. Nesse período celebra-se a espera do Messias, e pode ser dividido em duas partes: os dois primeiros domingos enfatizam o Advento Escatológico, o terceiro e o quarto domingos a Preparação do Natal de Cristo. Destarte, o Advento tem a dimensão da expectativa da segunda vinda de Cristo, bem como, a expectativa da chegada do Messias que concretiza o Reino, o “já” e o “ainda não” – que significa viver a espera do cumprimento das promessas e renovar a espe-

rança no reino que virá.

A espiritualidade do Advento é marcada pela esperança e o aguardo do Messias prometido; a fé na concretização da promessa; o amor que se demonstra com a chegada do Messias e a paz por ele anunciada e plenificada.

Natal

O segundo tempo litúrgico desse ciclo é o **Natal**. Esta celebração teve sua origem nos meados do século IV d.C., entretanto sua aceitação como festa cristã ocorreu no século VI d.C. O Natal surgiu com a finalidade de afastar os festejos pagãos do *natale solis invictus* (“deus sol invencível”), e passou a significar a chegada do Messias, o “sol da justiça” (cf. Mt 4,2) já anunciado e aguardado no Advento. Natal, na acepção da palavra, significa “nascimento”, entretanto para as/os cristãos/ao partir do século IV d.C., este significado é ainda mais profundo, pois com o nascimento de Cristo celebra-se “o Verbo que se fez carne e habitou entre nós”, o Deus infinitamente rico se faz servo e habita entre os despossuídos da terra. É este Verbo que atrai para si toda a criação a fim de reintegrá-la ao projeto salvífico de Deus.

A espiritualidade desse período enfatiza a humanidade de Cristo e a salvação que nele é absoluta.

Epifania

O terceiro tempo desse ciclo é a **Epifania**, que surgiu no Oriente como festa da manifestação do Cristo encarnado. Somente a partir do século IV d.C. passou para o Ocidente a fim de rememorar a visita dos reis magos ao Messias que havia chegado.

Epifania, do grego *epiphaneia*, significa “manifestação”, “aparição”. Antes de tornar-se um termo utilizado pelos/as cristãos/ás, significava a chegada de um rei ou imperador. A partir de Cristo tem a conotação de manifestação do divino ao mundo, que no Primeiro Testamento era expressa pelo termo “teofania”. Esse tempo celebra a manifestação de Cristo aos seres humanos, no momento em que os reis do Oriente seguiram a estrela em busca daquele que viria a ser o Salvador por excelência. A Epifania é para o Natal o que o Pentecostes é para a Páscoa, isto é, desenvolvimento e permanência do ato de Cristo em favor da humanidade.

A espiritualidade deste período é caracterizada pela manifestação e aparição de Cristo ao mundo. É o Cristo prometido que se torna uma realidade na vida de mulheres e homens que procuram a paz, a justiça e o amor.

Batismo do Senhor

O **Batismo do Senhor** é celebrado no primeiro domingo após Epifania, e representa o início da missão de Jesus no mundo.

Este tempo é parte da manifestação de Jesus aos seres humanos, por isso trata-se de uma continuidade da Epifania. Diferenciando-se pelo fato de que na Epifania é o ser humano (representada pelos magos) que vai a Cristo, ao passo que com o Batismo do Senhor é Deus (por meio de Jesus Cristo) que vem até o ser humano, a fim de cumprir sua missão. Por isso a espiritualidade desse dia é marcada pela missão iniciada por Jesus em prol dos menos favorecidos e injustiçados.

Com o Batismo do Senhor termina o Ciclo do Natal, dando início ao Tempo Comum, ou Tempo após Epifania.

Cores

No **Advento** usa-se o **roxo**, o **lilás** e o **rosa**. O roxo significa contrição, daí a matização das cores no sentido de ir clareando conforme a chegada do Natal. O rosa geralmente é usado no quarto domingo do Advento que simboliza a alegria.

Para o **Natal** utilizam-se as cores: **branco** e/ou **amarelo**, símbolos da divindade, da luz, da glória, da alegria e da vitória que o nascimento de Cristo representa para a humanidade.

Na **Epifania** usa-se o **branco** por oito dias e após o **amarelo** até o domingo do Batismo do Senhor.

Destaques da FaTeo em 2008

Programa de Integralização de Créditos em Teologia (nova turma)

O que se pretende com o curso?

Oferecer oportunidade de graduação reconhecida pelo MEC àqueles que possuem o diploma de Bacharel em Teologia obtido em cursos livres em seminários e escolas de teologia.

Quem pode participar?

Pessoas que possuem diploma de bacharel em teologia de curso livre com carga horária mínima de 1600 horas-aula, realizado após a conclusão do ensino médio e cujo ingresso tenha sido feito por meio de processo seletivo promovido pelo seminário ou escola de teologia. Devem ter também acesso à Internet, já que o programa é realizado em regime semi-presencial.

Coordenação

Prof. Dr. Paulo Roberto Garcia

Encontros presenciais

- Primeiro módulo: 12 a 15 de fevereiro de 2008
- Segundo módulo: 16 a 19 de setembro de 2008
- Terceiro módulo: primeiro semestre de 2009

Inscrições até
20/março/2008

Especialização em Estudos Wesleyanos

O que se pretende com o curso?

Formação acadêmica consistente no campo da teologia, com ênfase na tradição histórico-teológica wesleyana. Estimular a reflexão sistemática sobre as principais implicações da vivência religiosa metodista no atual contexto histórico.

Corpo Docente

- Claudio Ribeiro (coordenador);
- Ely Éser Barreto Cesar;
- Helmut Renders;
- José Carlos Barbosa;
- José Carlos de Souza;
- Paulo Ayres Mattos;
- Phillip Wingeiger-Ray (Pfeiffer University, EUA);
- Rui Josgrilberg;
- Sérgio Marcos Pinto Lopes

Formato do Curso

Educação a Distância: três módulos intensivos presenciais de uma semana por semestre e o restante da carga horária com atividades a distância supervisionadas por meio de plataforma eletrônica.

Encontros presenciais

- Primeiro módulo: 24 a 29 de março de 2008
- Segundo módulo: 1 a 6 de setembro de 2008
- Terceiro módulo: primeira semana de abril de 2009

Valor do Curso

18 mensalidades de R\$ 200,00

Projeto Visitando a Nossa História

Um projeto criado pelo Centro de Estudos Wesleyanos da FaTeo (CEW) com o objetivo de dar acesso ao acervo histórico para igrejas metodistas e outros grupos interessados.

O roteiro inclui o Edifício Alfa, o primeiro edifício de educação superior do ABC/SP, tombado pelo patrimônio histórico de São Bernardo do Campo, onde está localizado o Arquivo Histórico da Igreja Metodista; o Edifício Ômega, inaugurado no final de 2005, que é ilustrado com oito quadros e painéis que contam a história do Metodismo no Brasil e no mundo, localizados na Biblioteca, auditório, e corredor externo. Possui o Cenáculo (réplica de uma igreja do séc. II), que remete à história do cristianismo primitivo.

Participantes do projeto também podem conhecer o Edifício Gama, que abriga objetos históricos da antiga propriedade da Igreja Metodista, a Chácara Flora e que no passado abrigou o Instituto Metodista, para formação de diaconisas, tendo sido, posteriormente, espaço da Sede Geral da Igreja Metodista.

As igrejas e grupos interessados em participar do Projeto "Visitando Nossa História" devem entrar com: a Secretaria de Eventos da FaTeo, pelo telefone (11) 4366-5978 ou pelo e-mail evenstfateo@metodista.br, para agendamento.

Reserve essas datas e participe dessas atividades

Semana Wesleyana 2008

26 a 30 de maio de 2008

Tema:

"Vos sois o sal da terra": 100 anos de Credo Social – experiências e perspectivas

Encontro Nacional de Capacitação de Mulheres da Igreja Metodista

6 a 9 de junho de 2008

Semana de Estudos Teológicos

27 a 31 de outubro de 2008

Encontro Nacional Ecuônico de Mulheres

14 a 16 de novembro de 2008

Acompanhe a divulgação dos temas pelo site: www.metodista.br/fateo

Interessados em inscrever-se nos cursos da

FaTeo devem escrever para:

comfateo@metodista.br

ou ligar para

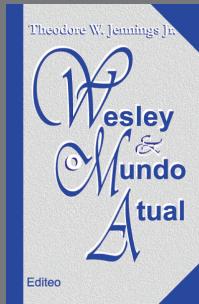
(11) 4366-5976

ou acessar nosso site:

www.metodista.br/fateo

Calendário

Lançamentos da Editeo em 2007



Wesley e o Mundo Atual

Theodore W. Jennings Jr.

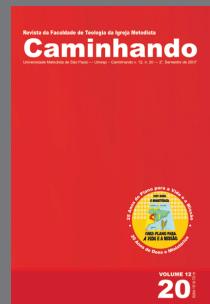
Wesley é cada vez mais reconhecido como pensador que soube articular diferentes faces da herança cristã com práticas missionárias à altura dos desafios enfrentados por uma sociedade em acelerado processo de transformação. Conheça mais sobre o tema adquirindo este exemplar.



Pluralismo e a missão da Igreja na atualidade

Inderjit S. Bhogal
Colaboradoras: Magali do Nascimento Cunha e Sandra Duarte de Souza

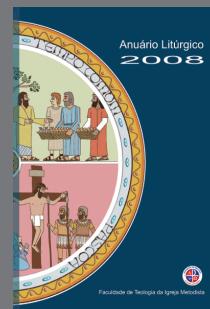
A liberdade religiosa é um valor importante e uma tarefa contínua. O pluralismo não impede a missão e jamais nos isenta da tarefa de compartilhar o Evangelho com toda a nação. Este livro certamente enriquecerá a sua biblioteca.



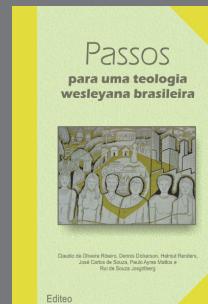
Revista Caminhando nº. 20

Esta edição reflete duas datas importantes: "25 anos do Plano para a Vida e a Missão" e "20 anos de Dons e Ministérios".

Para adquirir estas obras, ligue para:
(11) 4366-5969
ou envie um e-mail para
livrariaediteo@metodista.br
Informações sobre as recentes publicações da Editeo, com os respectivos preços, podem ser obtidas por meio da página eletrônica da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista/Umesp:
<http://www.metodista.br/fateo>
[clicar no menu "Editeo"]



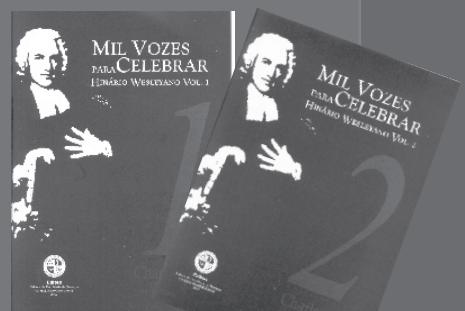
Anuário Litúrgico 2008



Passos para uma Teologia Wesleyana brasileira

Autores: Claudio de Oliveira Ribeiro, Dennis Dickerson, Helmut Renders, José Carlos de Souza, Paulo Ayres Mattos e Rui de Souza Josgrilberg

Nesta edição o leitor encontrará conteúdos que remetem a uma Teologia Wesleyana construída em nosso país.



Mil vozes para celebrar HINÁRIO WESLEYANO VOL. 1 E 2

Coordenação Editorial: Luiz Carlos Ramos e Simei Monteiro

A Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, orgulhosamente, apresenta os dois primeiros volumes do Hinário Wesleyano, cujo nome toma emprestado daquele que é, provavelmente, o poema mais conhecido de Charles Wesley: *Mil vozes para celebrar*.